

Auto-conceito e representações da vinculação no período pré-escolar (*)

JOANA MAIA (**)

BRUNO FERREIRA (***)

MANUELA VERÍSSIMO (***)

ANTÓNIO J. SANTOS (***)

NANA SHIN (****)

INTRODUÇÃO

Compreender a génese do funcionamento sócio-emocional dos sujeitos tem-se definido, progressivamente, como um dos objectivos centrais da Psicologia do Desenvolvimento. Neste contexto, a Teoria da Vinculação pode ser nomeada como referência fundamental ao sugerir que o estabelecimento de ligações de proximidade emocional durante a infância constitui a base do desenvolvimento afectivo, social e cognitivo.

Para explicar a relação entre vinculação, desenvolvimento e saúde mental, Bowlby (1973, 1980, 1982, 1988) concebe a existência de Modelos Internos

Dinâmicos (MID), componentes afectivos e cognitivos, habitualmente não conscientes, que formam representações mentais generalizadas e tendencialmente estáveis sobre o *self*, os outros e o mundo. Construídos activamente pelo indivíduo no contexto de interações repetidas com as figuras cuidadoras e pela integração de experiências relacionais posteriores, actuam como guias para a interpretação dos acontecimentos interpessoais, condicionando expectativas e comportamentos.

Embora não atribua um carácter de determinação linear a esta relação, a Teoria da Vinculação advoga que a noção de *self* e as representações internas das experiências relacionais vão sendo interiorizadas de forma complementar ao longo do tempo, desempenhando a história de vinculação do sujeito um papel essencial neste processo (Fonagy, Target, Gergely, Allen & Bateman, 2003; Monteiro, 2008; Soares, 2007).

De acordo com Bowlby (1973), os aspectos salientes da relação de vinculação organizam-se gradualmente numa representação interna, à medida que a criança e a relação real com a figura de vinculação se desenvolvem. Uma criança terá maiores probabilidades de desenvolver uma representação positiva de si própria, na qual o *self* surge como valorizado e merecedor de cuidados, quando as suas necessidades de proximidade emocional, de protecção e de segurança

(*) Agradecimentos: Os autores gostariam de agradecer a todas as mães, pais e crianças que aceitaram participar neste estudo, financiado em parte pela FCT (PTDC/PSI/64149/2006 e PTDC/PSI/66172/2006). Os autores gostariam ainda de agradecer a todos os colegas da *Linha 1, Psicologia do Desenvolvimento*, da UIPCDE pelos seus comentários valiosos.

Contactos: jmaia@ispa.pt, Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

(**) Bolseira FCT (SFRH/BD/35769/2007), UIPCDE, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.

(***) UIPCDE, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.

(****) Department of Human Development and Family Studies, Auburn University, USA.

estão preenchidas existindo, simultaneamente, suporte para uma exploração activa e autónoma do meio. Contrariamente, quando as interações precoces são caracterizadas por uma falta de adequação entre aquilo que são as necessidades da criança e as respostas dadas pelas figuras cuidadoras, os sujeitos poderão organizar modelos internos dinâmicos complementares em que o *self* é visto como não desejado e sem valor e em que os outros são perspectivados como indisponíveis, rejeitantes, ou abusadores (Bowlby, 1988; Toth, Sheree, Cicchetti & Macfie, 2000). De acordo com Bowlby (1973) e Ainsworth, Blehar, Waters e Walls (1978) as diferenças a nível dos MID conduzem, assim, a diferentes respostas por parte da criança, quer em situações de separação ou de *stress*, quer de exploração do meio. Tal acontece na medida em que, se a figura de vinculação for sensível, será capaz de interpretar correctamente os sinais da criança num contexto de exploração, encorajando-a sempre que necessário a prosseguir na realização da actividade (Grossmann, Grossmann & Zimmermann, 1999; Grossmann, Grossmann, Fremmer-Bombik, Kindler, Scheuerer-Englisch & Zimmermann, 2002).

O auto-conceito, ou imagem de si, pode ser descrito como um julgamento de nível cognitivo que uma pessoa é capaz de fazer sobre as suas próprias capacidades em domínios específicos, como o cognitivo, o social, ou o físico (Harter, 1999). Sendo uma estrutura cognitiva contextualizada, que se complexifica e diversifica à medida que o sujeito se vai desenvolvendo e interagindo com o meio envolvente, a importância do seu estudo advém do forte impacto que este parece ter no comportamento (Martins, Peixoto, Mata, & Monteiro, 1995). É de notar que, apesar de estarem relacionados, este constructo deverá ser diferenciado da auto-estima, que constitui um julgamento de natureza afectiva sobre o valor global que o sujeito atribui a si próprio (Cassidy, 1990).

Pesquisas recentes têm apoiado a ideia de que um sentido do *self* começa a emergir já durante o período pré-escolar, em estreita associação com as experiências de vinculação. Alguns estudos empíricos (Cassidy, 1988; Clark & Symons, 2000) analisaram, de forma concorrente e preditiva, as relações existentes, durante esta fase do desenvolvimento, entre o comportamento de vinculação da criança à mãe e as representações que esta organiza acerca do seu *self* tendo concluído, na sua generalidade, que existe uma associação, ainda que moderada, entre o grau de

segurança da vinculação e a qualidade afectiva da auto-estima e da representação global que as crianças têm de si próprias. No que ainda hoje constitui um estudo de referência, pelo seu carácter inaugural e pela complexidade inerente à diversidade de métodos utilizados, Cassidy (1988) debruçou-se sobre as relações existentes entre qualidade da vinculação à mãe (inferida a partir de um procedimento de Separação-Reunião), representação do *self* (utilizando uma tarefa de completamento de histórias, esta era estimada através da imagem que, no contexto da relação com a figura de vinculação, a criança projectava do seu *self* na criança-protagonista), auto-estima (avaliada de três formas: entrevista com a criança; resposta à sub-escala da auto-estima contida no *Harter's Perceived Competence Scale for Children* e realização de uma entrevista com um fantoche, a *Puppet Interview*, criada pela investigadora) e ainda elementos do auto-conceito (aplicação da *Harter's Scale of Perceived Competence and Social Acceptance for Young Children*). Numa amostra de 52 crianças, de 6 anos, verificou que aquelas que eram classificadas como seguras no procedimento de Separação-Reunião, comparativamente às classificadas como inseguras-evitantes, inseguras-ambivalentes, ou inseguras-controladoras, tendiam a descrever-se de forma mais positiva em ambas as entrevistas e na sub-escala da auto-estima, bem como a projectar uma boa imagem do seu *self* nas histórias narradas. Por outro lado, em todas as medidas referidas, demonstraram ainda uma maior capacidade para admitir imperfeições em si próprias. No que diz respeito aos elementos do auto-conceito, uma correlação significativa, se bem que modesta, com a segurança da vinculação foi encontrada para a percepção da aceitação social, competência percebida e valor global do *self* (respectivamente, $r=0,3$; $r=0,24$ e $r=0,29$, com $p<0,05$).

Nos últimos anos, um dos esforços dos teóricos da vinculação tem sido o de operacionalizar e validar instrumentos capazes de captar os distintos níveis de análise em que este constructo pode ser estudado. Mais recentemente, a atenção dos investigadores começou a deslocar-se do nível comportamental para o nível representacional com o estudo das narrativas a ser apontado como uma forma válida e notável de inferir a qualidade dos modelos internos dinâmicos, tanto das crianças (Emde, Wolf, & Oppenheim, 2003), como dos adolescentes (Granot & Mayselless, 1998) e dos adultos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004;

Vaughn, Coppola, Veríssimo, Monteiro, Santos, & Posada, 2007).

De facto, à medida que o processo de crescimento e de socialização contribui para o aumento das capacidades verbais e simbólicas, a produção espontânea de narrativas por parte das crianças, que tem o seu marco inicial por volta dos três anos (Emde, Wolf, & Oppenheim, 2003), pode ser vista como uma tentativa progressiva para organizar, dar significado e comunicar experiências relacionais presentes e passadas.

É de destacar, neste contexto, o esforço feito na década de 1980 pelo grupo de investigação da Fundação MacArthur (*MacArthur Research Network on Early Childhood Transitions*) para unificar e sistematizar metodologias previamente existentes, do qual resultou a *MacArthur Story Stem Battery*. Esta bateria é composta por cerca de trinta histórias que, variando quanto ao número e temática em causa, têm sido sucessivamente utilizadas para estudar áreas tão distintas quanto o desenvolvimento moral, a expressividade emocional, o comportamento pró-social, a representação parental, a agressividade, o *locus* de controlo, o temperamento, a natureza dos processos defensivos, a regulação emocional, estratégias de resolução de conflitos, entre outras (Emde *et al.*, 2003).

Anos mais tarde, influenciadas por uma investigação de Main, Kaplan e Cassidy (1985) que mostrou que crianças classificadas como seguras na *Situação Estranha* tinham mais probabilidades de fornecer soluções construtivas em resposta a cenários de separação e de falar das separações com maior abertura emocional, Bretherton, Ridgeway e Cassidy (1990) basearam-se na *MacArthur Story Stem Battery* para criar um procedimento que permitisse avaliar, de forma mais específica, as representações das relações de vinculação (Bretherton & Oppenheim, 2003). Surgiu, assim, o *Attachment Story Completion Task* (ASCT), instrumento que apresenta boas taxas de concordância com medidas que avaliam o comportamento de base-segura da criança, como é o caso de procedimentos de Separação-Reunião análogos ao Paradigma da Situação Estranha (Ainsworth *et al.*, 1978), ou de observação em contexto natural como é o caso do *Attachment Behavior Q-Set* (Waters, 1995).

No entanto, poucos estudos recorreram ainda a este tipo de metodologias para avaliar concordâncias entre as representações da vinculação e as representações do *self* antes da idade escolar,

sendo de destacar a tentativa feita por Verschueren, Marcoen e Schoefs (1996) para alterar este cenário. Para determinar a qualidade da auto-estima, os referidos autores utilizaram a *Puppet Interview* (Cassidy, 1988) relacionando-a, depois, com a segurança das representações da vinculação à mãe, estimadas a partir de uma Tarefa de Completamento de Histórias, numa amostra de 95 crianças com cinco anos de idade. Os resultados mostraram uma associação significativa entre as duas medidas. Três anos mais tarde Verschueren e Marcoen (1999) replicaram o estudo anterior, tendo introduzido novas medidas e avaliando, desta vez, de forma separada as representações de vinculação da criança relativamente aos dois progenitores. Verificaram que as crianças com uma representação segura da relação com a mãe exibiam valores de auto-estima mais altos na *Puppet Interview*, reportando também uma auto-percepção mais positiva das suas competências cognitivas e físicas. Curiosamente, o mesmo não se verificou quando a segurança da representação da relação de vinculação ao pai foi objecto de análise (correlações não significativas). Por outro lado, o mesmo estudo mostrou que o poder preditivo relativo da segurança da vinculação associada a cada progenitor, diferia em função do domínio de funcionamento da criança avaliado, com a representação associada à mãe a prever melhor a positividade da imagem do *self* e com a representação associada ao pai a ser melhor preditora de problemas de comportamento (especificamente de ansiedade e introversão).

Mais recentemente, Toth *et al.* (2000) compararam um grupo normativo de 37 crianças e um grupo de 56 crianças com historial de maus-tratos no contexto intra-familiar, ambos em idade pré-escolar, quanto à relação entre imagem do *self* e natureza das representações de vinculação emergentes, com as duas dimensões a serem avaliadas através do *Attachment Story Completion Task*. À semelhança de estudos anteriores vários autores encontraram resultados importantes, se bem que complexos (Cassidy, 1998; Clark & Symons, 2000; Verschueren & Marcoen, 1999; Verschueren, Marcoen, & Schoefs, 1996). Concretamente, um dilema empírico apontado prende-se com o facto de valores muito elevados nas representações do *self* poderem ter duas leituras distintas: deverão ser interpretados como reflectindo uma auto-imagem verdadeiramente positiva, ou uma tão baixa e frágil que o sujeito não pode tolerar o reconhecimento da mais pequena imperfeição?

De facto, as crianças seguras parecem possuir uma concepção positiva, mas crítica de si próprias, sendo capazes de aceitar as suas limitações, que não são vistas como ameaçadoras, organizando aquilo que alguns autores apelidam de modelo positivo do *self* aberto a imperfeições (Clark & Symons, 2000; Mikulincer, 1995). De forma oposta, crianças muito inseguras tendem a desenvolver ou uma concepção muito negativa acerca de si próprias, ou uma representação idealizada do *self*, que é visto como perfeito (Toth *et al.*, 2000).

É de referir, também, que para além do facto de os estudos que têm relacionado estas duas áreas serem ainda em número reduzido para que seja possível chegar a conclusões sólidas, a maioria tem enfatizado a avaliação da auto-estima, em detrimento do auto-conceito. Com efeito, diversos autores chamam a atenção para a necessidade de continuar a desenvolver instrumentos que permitam avaliar fidedignamente este constructo durante o período pré-escolar, tarefa que surge dificultada pela necessidade de que estes sejam capazes de manter o interesse da criança, recorrendo a estímulos específicos e concretos e requerendo métodos de resposta simples e directos, sem estarem muito contaminados pela deseabilidade social (Cassidy, 1990; Hassan, 1999).

Esperando contribuir para a expansão da investigação realizada até ao momento na área, o principal objectivo deste estudo é analisar as relações entre diferentes dimensões do auto-conceito e representações da vinculação no período pré-escolar.

MÉTODO

Participantes

Participaram neste estudo 75 crianças (37 rapazes e 38 raparigas), oriundas de três salas de duas instituições privadas de ensino pré-escolar do Distrito de Lisboa. As crianças foram avaliadas entre os 64 e os 91 meses ($M=6$ anos e 1 mês; $DP=6,90$ meses). A idade das mães variava entre os 26 e os 48 anos ($M=35,39$; $DP=4,14$) e a dos pais entre os 28 e os 63 ($M=38,26$; $DP=5,51$). O nível de educação materno variou entre os 9 e os 23 anos de escolaridade ($M=14,94$; $DP=2,94$) e o paterno entre os 4 e os 19 ($M=14,12$; $DP=3,50$). Todas as famílias pertencem a um extracto social médio, ou médio-alto. As crianças entraram entre os 4 e os

62 meses para a escola ($M=15,6$; $DP=14,75$) e passam nesta cerca de 8,2 horas ($DP=1,76$) diárias.

Instrumentos

Representação do Self

Para avaliar as representações acerca do *self* foi utilizada a versão portuguesa da *Pictorial Scale of Perceived Competence and Social Acceptance for Young Children* – PSPCSA (Harter & Pike, 1984; Mata, Monteiro & Peixoto, 2008). Podendo ser utilizada entre os 4 e os 8 anos, esta escala parte do pressuposto que, mesmo antes do período escolar, as crianças são capazes de realizar julgamentos sobre as suas competências em domínios específicos. Estima, assim, a percepção que a criança tem das suas competências cognitivas e físicas, bem como do grau em que é aceite pela mãe e pelos pares. É composta por 4 sub-escalas – Competência Cognitiva; Competência Física; Aceitação Materna; Aceitação de Pares – num total de 35 itens. Outras assumções da escala dizem respeito ao facto de a competência percebida poder ser independente de área para área, podendo existir grande variação entre a competência em si e a percepção da competência, tanto pelo próprio como por parte dos outros. Finalmente, assume também uma grande variabilidade na forma como a competência percebida numa determinada área se pode relacionar com as medidas de auto-estima (Hassan, 1999).

Representações da vinculação

A qualidade das representações de vinculação foi avaliada através do *Attachment Story Completion Task* – ASCT (Bretherton, Ridgeway, & Cassidy, 1990). Este procedimento consiste numa entrevista de cerca de 30 minutos em que, com a ajuda de uma família de bonecos moldáveis, são apresentados cinco inícios de histórias susceptíveis de activar conteúdos ligados ao comportamento de base segura. É então pedido à criança que complete cada história ilustrando os comportamentos, as emoções e as interacções entre as personagens.

Cada história foi construída de modo a evocar uma problemática distinta: figura de vinculação em situação de autoridade (Sumo entornado); resposta parental à dor (Joelho Magoado) e ao medo (Monstro no quarto) da criança; ansiedade de separação (Partida)

e tonalidade afectiva da reunião (Reencontro). Uma história adicional neutra (Bolo de Aniversário) é administrada inicialmente, para assegurar que a criança compreende o procedimento, mas não é cotada.

Diversos estudos têm utilizado o ASCT de forma bem sucedida nos últimos anos, em diferentes contextos e em diferentes países, tanto em populações normativas, como em populações específicas, nomeadamente, crianças cujos pais atravessaram um processo de divórcio (Page & Bretherton, 2003), que se encontram institucionalizadas ou que foram adoptadas (Vorra, Papaligoura, & Sarafidou, 2006), que assistiram ou foram vítimas de violência intra-familiar (Grych, Wachsmuth-Schlaefel, & Klockow, 2002), situações de depressão materna (Trapolini, Ungerer, & McMahon, 2007), entre outros cenários. Em Portugal, apesar de haver ainda poucos estudos, investigações recentes sugerem a validade da sua utilização em crianças do pré-escolar (Benavente, Justo, & Moreira, 2006; Benavente, Justo, & Veríssimo, no prelo; Veríssimo, dados não publicados).

Competência verbal

De forma a controlar potenciais efeitos em resultado de diferenças ao nível da capacidade lexical e da compreensão verbal foram aplicados os sub-testes verbais da versão revista da *Wechsler Preschool and Primary Scale of Intelligence* (WPPSI-R), nomeadamente as provas de Informação, Vocabulário, Aritmética, Semelhanças e Compreensão.

Procedimento

Todos os instrumentos foram aplicados de forma individual, em três ocasiões distintas, por membros independentes da equipa de investigação. Em ambas as instituições as avaliações decorreram numa sala disponibilizada para o efeito, estando o entrevistador e a criança sentados a uma mesa, em situação de face a face.

PSPCSA

Cada item foi apresentado aos sujeitos sob a forma de uma imagem de duas crianças (do mesmo sexo do sujeito em causa) a realizar uma actividade, ao mesmo tempo que era lida uma afirmação do género: “*Esta criança é boa a fazer puzzles e esta não é muito boa. Com qual é que tu és mais parecida?*”.

Em seguida, uma maior diferenciação é solicitada sendo pedido ao sujeito que aponte para o círculo apropriado se considerar que é muito parecida (círculo grande) com a criança previamente escolhida, ou só um pouco parecida (círculo pequeno). Para cada item a pontuação pode variar de 1 a 4, sendo que a 1 corresponde uma escolha de pouca competência e a 4 uma escolha de competência elevada. Durante a aplicação os itens vão sendo apresentados pela seguinte ordem: Competência Cognitiva, Aceitação entre Pares, Competência Física e Aceitação Materna, repetindo-se este padrão ao longo da escala.

ASCT

O material necessário para a aplicação deste instrumento compõe-se de uma família de bonecos moldáveis (pai, mãe, duas crianças do mesmo sexo do sujeito avaliado) e de vários adereços capazes de recriar o ambiente de uma casa (mesa de refeições e quartos) e de um jardim (relva e rocha). Nas últimas duas histórias, é utilizado um boneco adicional, a vizinha, e um carro, no qual os pais partem em viagem. Apresenta-se cada elemento da família à criança, pedindo-lhe que dê um nome a cada um dos irmãos/irmãs, bem como à vizinha. É-lhe depois explicado o procedimento: “*Vamos fazer umas histórias com a nossa família. Eu começo a contar e depois tu continuas, está bem?*”. De modo a facilitar o envolvimento da criança na tarefa é-lhe pedido, no final de cada história, que ajude a dispor o cenário para a história seguinte.

Todas as histórias foram gravadas em vídeo e posteriormente analisadas relativamente à Segurança e à Coerência por um membro da equipa previamente treinado, estranho à situação de recolha dos dados, bem como a qualquer outra informação sobre as crianças. Para cada história, e de acordo com os critérios propostos por Heller (2000), estes dois parâmetros foram avaliados numa escala de oito pontos quanto à Segurança e à Coerência. É de notar que estes critérios se afastam do método de cotação originariamente proposto por Bretherton, Ridgeway e Cassidy (1990), de avaliação categorial das narrativas em seguras, inseguras ambivalentes/evitantes e desorganizadas. Esta opção por uma avaliação das representações de vinculação num contínuo, privilegiando a extensão em que estão ou não presentes elementos de um contínuo segurança-insegurança, em detrimento de uma classificação categorial que pode ser redutora (Oppenheim,

1997), parece-nos desejável, estando em acordo com as actuais tendências de investigação na área (por exemplo, na análise de narrativas de adultos (Waters & Rodrigues-Doolabh, 2004) e em observações com o *Attachment Q-Set* (Waters, 1995).

No critério da Coerência uma pontuação acima de 6 é dada quando a história é completada de forma consistente e unificada, com poucas hesitações e sem desvios inapropriados. Em contraste, as histórias com pontuações iguais ou menores que 4 não são, geralmente, resolvidas face à instrução inicial e/ou apresentam desvios negativos, agressivos, ou bizarros, sendo desconexas e ilógicas do ponto de vista da coerência.

A Segurança é um critério mais lato que inclui, não apenas a Coerência e a Resolução dada (extensão em que cada problema é reconhecido e resolvido de forma bem sucedida), mas também uma avaliação global do Comportamento não-verbal, Representação parental, Investimento na tarefa, Fluência, Emoção geral expressa, Conhecimento emocional e qualidade da Interação com o entrevistador. É também avaliada ao longo de uma escala de oito pontos, que varia de *Desorganizado* (1) a *Muito Seguro* (8), onde estão contidos os cambiantes dos comportamentos de evitamento e de ambivalência. No presente estudo apresentamos a análise dos resultados da dimensão Segurança, não pormenorizando os referidos sub-itens que a compõem.

Para avaliar a validade das cotações cerca de 60% das histórias foram também analisadas por um de dois avaliadores adicionais, também eles estranhos à situação da recolha de dados. O acordo inter-avaliadores foi de $r=0,81$ para a coerência e de $r=0,85$ para a segurança.

RESULTADOS

De seguida são apresentados os principais resultados para cada um dos instrumentos em análise.

PSPCSA

As médias e os desvios padrões para cada escala são comparáveis aos do estudo original (Harter & Pike, 1984), bem como aos dos previamente encontrados para a população portuguesa (Mata, Monteiro, & Peixoto, 2008). Todas as sub-escalas apresentaram valores aceitáveis de consistência interna, com Alphas de Cronbach superiores a 0,60. As quatro sub-escalas foram posteriormente agrupadas em duas dimensões: Competência Percebida (sub-escalas Competência Cognitiva e Competência Física) e Aceitação Social (sub-escalas Aceitação Materna e Aceitação dos pares), ambas mostrando valores altos de consistência interna, respectivamente, $\alpha=0,79$ e $\alpha=0,87$.

Uma análise de todas as sub-escalas e dimensões mostrou inexistência de diferenças em função do género. Para controlar eventuais efeitos devidos a diferenças nas capacidades linguísticas dos sujeitos foi realizada uma correlação de Pearson entre os valores do auto-conceito e os valores do QI verbal que se mostrou não significativa.

ASCT

As médias de cada história para a Coerência oscilaram entre 5,15 ($DP=1,3$), para a história do Joelho Magoado, e 5,53 ($DP=1,15$), para a história do Monstro no Quarto. No que se refere à Segurança

TABELA 1
Estatística descritiva e fiabilidade das 4 sub-escalas

Sub-escalas	Média	Desvio Padrão	Alfa
Competência Cognitiva	3,50	0,40	0,64
Competência Física	3,40	0,45	0,71
Aceitação Materna	3,35	0,51	0,78
Aceitação dos Pares	3,60	0,50	0,78

TABELA 2
Médias e desvios-padrão das histórias quanto à Coerência e Segurança

Histórias	Coerência		Segurança	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Sumo Entornado	5,31	1,07	5,40	1,14
Joelho Magoado	5,15	1,33	5,30	1,37
Monstro no Quarto	5,53	1,15	5,64	1,10
Partida	5,23	1,15	5,31	1,19
Reencontro	5,23	1,38	5,37	1,41

TABELA 3
Correlações entre os valores de Coerência para as cinco histórias

Histórias	Joelho magoado	Monstro no quarto	Partida	Reencontro
Sumo entornado	0,82**	0,76**	0,71**	0,74**
Joelho magoado		0,86**	0,79**	0,81**
Monstro no quarto			0,80**	0,79**
Partida				0,84**

Legenda: ** $p < 0,01$

as médias variaram entre 5,30 ($DP=1,37$) e 5,60 ($DP=1,10$), correspondendo às mesmas duas histórias os valores extremos.

De forma a compreendermos como se relacionam as diferentes histórias entre si, realizámos uma correlação de Pearson entre os valores de Coerência de cada história para cada sujeito, tendo o mesmo procedimento sido efectuado para a Segurança. Da análise realizada, foram encontradas correlações positivas e significativas entre todas as histórias para os dois valores, oscilando entre 0,71 e 0,86 para o primeiro critério e entre 0,74 e 0,85 para o segundo ($p < 0,01$).

Para cada criança as pontuações das cinco histórias foram depois agregadas num valor sumário para os dois parâmetros, tendo a correlação entre estes sido significativa e muito elevada ($r=0,99$ com $p < 0,01$).

Não foram encontradas diferenças significativas em função do género da criança. Mais uma vez, de modo a controlar eventuais efeitos em resultado

de diferenças nas capacidades linguísticas dos sujeitos foram realizadas correlações de Pearson entre os valores de Segurança e de Coerência e os valores do QI Verbal que se mostraram não significativas.

Auto-conceito e representações de vinculação

Para examinar as associações existentes entre as representações de vinculação e o auto-conceito foi efectuada uma correlação de Pearson entre os parâmetros globais de Coerência e Segurança das narrativas e as sub-escalas e dimensões da escala de auto-conceito.

Tal como se pode verificar nas Tabelas 5 e 6, os valores de Segurança e de Coerência estão associados, de forma significativa, com as sub-escalas Competência Física e Aceitação dos Pares e com as dimensões Aceitação Social e Self Global (conjunto das quatro sub-escalas). Apesar de não ter sido

TABELA 4
Correlação entre os valores de Segurança nas cinco histórias

Histórias	Joelho magoado	Monstro no quarto	Partida	Reencontro
Sumo entornado	0,85**	0,75**	0,74**	0,77**
Joelho magoado		0,84**	0,81**	0,85**
Monstro no quarto			0,82**	0,80**
Partida				0,84**

Legenda: ** p<.01

TABELA 5
Correlações entre as sub-escalas do PSPCSA e os critérios do ASCT

	Cognitiva	Física	Materna	Pares
Coerência	0,07	0,23*	0,20	0,27*
Segurança	0,06	0,23*	0,18	0,26*

Legenda: * p<.05

TABELA 6
Correlações entre as dimensões do PSPCSA e os critérios do ASCT

	Competência Percebida	Aceitação Social	Self Global
Coerência	0,02	0,27*	0,24*
Segurança	0,03	0,25*	0,23*

Legenda: * p<.05

encontrada uma correlação significativa, os valores da Coerência mostraram uma tendência para se associar positivamente com os valores da Aceitação Materna. Uma análise mais detalhada desta relação mostrou que, quando apenas as histórias da Partida e do Reencontro eram consideradas, a associação passava a ser significativa (respectivamente, $r=0,26$ e $r=0,27$, $p<0,05$). Verificou-se ainda que, se três dos itens menos relacionados com a vinculação [*Mãe deixa jantar (4) e dormir (20) em casa de amigos; Mãe cozinha comidas preferidas (12)*] fossem eliminados desta sub-escala, a correlação

tornava-se significativa tanto para a Coerência ($r=0,28$, $p<0,05$) como para a Segurança ($r=0,29$, $p<0,05$).

Realizou-se, ainda uma análise de regressão linear para determinar quais os aspectos do auto-conceito que melhor poderiam prever a Coerência e a Segurança das narrativas. A dimensão Aceitação Social mostrou ser, em ambos os casos, o melhor preditor, respectivamente com $F(1,74)=5.88$, com um $R^2_{ajustado}=0.06$ e $p<0.018$ e $F(1,74)=5.10$ com um $R^2_{ajustado}=0.05$ e $p<0.027$.

DISCUSSÃO

A presente investigação tinha como principal objectivo alargar a actual pesquisa sobre representações de vinculação e auto-conceito durante o período pré-escolar, um tema de análise frequentemente debatido em termos teóricos, mas ainda caracterizado pela escassez de estudos empíricos (Cassidy, 1990).

Os nossos resultados vão no sentido da presença de conexões entre a qualidade das representações da vinculação e a representação global que a criança tem do seu *self*, com uma associação mais forte a ser encontrada com a Percepção da Aceitação Social, dimensão que inclui tanto a Aceitação Materna como a dos Pares.

Uma análise detalhada das diferentes narrativas mostrou uma associação mais elevada entre a Aceitação Materna e a Segurança e Coerência nas histórias da Partida e do Reencontro, curiosamente aquelas que mais se aproximam do paradigma clássico da Situação Estranha (Ainsworth *et al.*, 1978). Tal poderá significar que estas duas histórias são as mais susceptíveis de elicitarem conteúdos representacionais ligados à vinculação.

Por outro lado, a importância da aceitação dos pares para o bem-estar emocional do sujeito e a ligação desta às experiências de vinculação, tem vindo a ser defendida por inúmeros estudos (Cassidy, Kirsh, & Scolton, 1996; Szewczyk-Sokolowski, Bost, & Wainwright, 2005) que, entre outros aspectos, sugerem uma concordância entre as representações que o sujeito organiza sobre os pares e as representações de vinculação que organiza no contexto das interacções com as figuras cuidadoras: “*the idea is that securely attached children, from their positive experiences of the mother as helpful, sensitive, and responsive, develop representations of her as unlikely to do anything to intentionally harm the child and would develop similar representations of at least some others*” (Cassidy *et al.*, 1996, p. 900).

O facto de uma correlação positiva significativa ter sido também encontrada com a Competência Física Percebida (sub-escala que inclui maioritariamente itens relacionados com o comportamento motor da criança no contexto do parque infantil/recreio) leva-nos a colocar a hipótese de que este aspecto do auto-conceito possa estar relacionado com o desenvolvimento de confiança para explorar o meio, capacidade complementar da segurança da vinculação no contexto de uma relação de base

segura. No entanto, mais pesquisas seriam necessárias para se estabelecer esta relação.

Apesar de a nossa apresentação do ASCT incluir ambos os pais, não foi possível separar as representações de vinculação da criança relativamente às duas figuras, o que seguramente seria interessante ser analisado em futuros estudos (Page & Bretherton, 2001, 2003; Verschueren & Marcoen, 1999). O que acontecerá quando a relação com uma das figuras de vinculação é sentida como sensitiva e responsiva, retribuindo à criança uma imagem valorizada do seu *self*, sendo a relação com a outra figura marcada pela insegurança? Será que esta visão conflitiva é integrada para organizar uma representação única do *self*? Se sim, através de que processos, e em que extensão, poderá ter lugar esta integração? No futuro seria, também, desejável ampliar e diversificar a nossa amostra de forma a poderem ser exploradas distintas associações entre os diferentes elementos do auto-conceito e as representações da vinculação.

REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M., Blehar M., Waters E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Benavente, R., Justo, J., & Moreira, J. (2006, Outubro). *A tarefa de completamento de histórias: um instrumento de avaliação das representações da vinculação para crianças em idade pré-escolar*. Poster apresentado na XI Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Braga, Universidade do Minho.
- Benavente, R., Justo, J., & Veríssimo, M. (no prelo). Os efeitos dos maus tratos e da negligência sobre as representações da vinculação em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica*.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Separation: Anxiety and anger* (vol. 2). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Loss* (vol. 3). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Attachment* (vol. 1, 2nd ed. rev.). New York: Basic Books (Original work published, 1969).
- Bowlby, J. (1988). *A secure base*. New York: Basic Books.
- Bretherton, I., & Oppenheim, D. (2003). The MacArthur Story Stem Battery: Development, directions for administration, reliability, validity and reflections about meaning. In R. N. Emde, D. P. Wolf, & D. Oppenheim (Eds.), *Revealing the inner worlds of young children: The MacArthur Story Stem Battery and parent-child narratives* (pp. 55-80). New York: Oxford University Press.

- Bretherton, I., Ridgeway, D., & Cassidy, J. (1990). Assessing internal working models of the attachment relationship: An attachment story-completion task for 3-year-olds. In M. Greenberg, D. Cicchetti, & E. M. Cummings (Eds.), *Attachment during the preschool years: Theory, research, and intervention* (pp. 272-308). Chicago: University of Chicago Press.
- Cassidy, J. (1988). Child-mother attachment and the self in six-year-olds. *Child Development, 59*, 121-134.
- Cassidy, J. (1990). Theoretical and methodological considerations in the study of attachment and the self in young children. In M. Greenberg, D. Cicchetti, & M. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years: Theory, research and intervention*. Chicago: University of Chicago Press.
- Cassidy, J., Kirsh, S., & Scolton, K. (1996). *Developmental Psychology, 32*, 892-904.
- Clark, S., & Symons, D. (2000). A longitudinal study of Q-sort attachment security and self-processes at age 5. *Infant and Child Development, 9*, 91-104.
- Emde R., Wolf, D., & Oppenheim, D. (Eds.) (2003). *Revealing the inner worlds of young children: The MacArthur Story Stem Battery and parent-child narratives*. New York: Oxford University Press.
- Fonagy, P., Target, M., Gergely, G., Allen, J., & Bateman, A. (2003). The developmental roots of borderline personality disorder in early attachment relationships: a theory and some evidence. *Psychoanalytic Inquiry, 23*, 412-460.
- Granot, D., & Maysseless, O. (1998). *Administration of an adapted version of the Attachment Doll Story Completion Task*. Unpublished manuscript, Haifa University.
- Grych, J., Wachsmuth-Schlaefler, T., & Klockow, L. (2002). *Journal of Family Psychology, 16*, 259-272.
- Grossmann, K., Grossmann, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H. Scheuerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Father's sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development, 11*, 307-331.
- Grossmann, K. E., Grossmann, K., & Zimmermann, P. (1999). A wider view of attachment and exploration: Stability and change during the years of immaturity. In J. Cassidy, & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment theory. Research and clinical applications* (pp. 760-786). New York: The Guilford Press.
- Harter, S. (1999). *The construction of the self: A developmental perspective*. New York: Guilford Press.
- Harter, S., & Pike, R. (1984). The pictorial scale of perceived competence and social acceptance for young children. *Child Development, 55*, 1969-1982.
- Hassan, K. (1999). Validation of the Harter pictorial scale of perceived competence and social acceptance with Lebanese children. *Social Behavior and Personality, 27*, 339-354.
- Heller, C. (2000). *Attachment and social competence in preschool children. Master's thesis*. Unpublished. Manuscript, Auburn University, AL
- Soares, I. (2007). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento*. Braga: Psiquilíbrios.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton, & E. Waters (Eds.), *Growing points in attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development, 50*, 66-106.
- Martins, M. A., Peixoto, F., Mata, L., & Monteiro, V. (1995). Escala de auto-conceito para crianças e pré-adolescentes de Susan Harter. In L. Almeida, M. R. Simões, & M. M. Gonçalves (Eds.), *Provas Psicológicas em Portugal* (pp. 79-89). Braga: APPORT.
- Mata, L., Monteiro, V., & Peixoto, F. (2008). Escala de autoconceito para crianças em idade pré-escolar e 1.º/2.º ano de escolaridade de Harter & Pike (1981, 1984). In A. P. Machado, C. Machado, L. S. Almeida, M. Gonçalves, S. Martins, & Vera Ramalho (Eds.), *Actas da XIII conferência internacional avaliação psicológica: Formas e contextos*. Braga: APPORT.
- Mikulincer, M. (1995). Attachment style and the mental representation of the self. *Journal of Personality and Social Psychology, 69*, 1203-1215.
- Monteiro, L. (2008). *Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: a especificidade das relações criança/mãe e criança/pai*. Tese de Doutoramento apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada/ Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Oppenheim, D. (1997). The attachment doll-play interview for preschoolers. *International Journal of Behavioral Development, 20*, 681-697.
- Page, T., & Bretherton, I. (2003). Representations of attachment to father in the narratives of preschool girls in post-divorce families: Implications for family relationships and social development. *Child and Adolescent Social Work Journal, 20*, 99-122.
- Szewczyk-Sokolowski, M., Bost, K., & Wainwright, A. (2005). Attachment, temperament and preschool children's peer acceptance. *Social Development, 14*, 379-397.
- Toth, S., Sheree, L., Cicchetti, D., & Macfie, J. (2000). Narrative representations of caregivers and self in maltreated pre-schoolers. *Attachment & Human Development, 2*, 271-305.
- Trapolini, T., Ungerer, J., & McMahon, C. (2007). Maternal depression and children's attachment representation during the preschool years. *British Journal of Developmental Psychology, 25*, 247-261.
- Vaughn, B., Coppola, G., Veríssimo, M., Monteiro, L., Santos, A., & Posada, G. (2007). The quality of maternal secure base scripts predicts children's secure base behavior at home in three socio-cultural groups. *International Journal of Behavioral Development, 31*, 65-76.
- Verschuere, K., & Marcoen, A. (1999). Representation of self and socioemotional competence in kindergartners: Differential and combined effects of attachment to mother and to father. *Child Development, 70*, 183-201.

- Verschueren, K., Marcoen, A., & Schoefs, V. (1996). The internal working model of the self, attachment, and competence in five-year-olds. *Child Development*, 67, 2493-2511.
- Vorria, P., Papaligoura, Z., & Sarafidou, J. (2006). The development of adopted children after institutional care: A follow-up study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47, 1246-1253.
- Waters, E. (1995). Appendix A. The Attachment Q-Set (version 3.0). In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada, & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Monographs of the Society for Research in the Child Development*, 60, 234-246.
- Waters, H. S., & Rodrigues-Doolabh, L. M. (2004). *Manual for decoding secure base narratives*. Unpublished manuscript, State University of New York at Stony Brook.

RESUMO

A Teoria da Vinculação sugere que as representações internas das experiências relacionais e a noção de *self* vão sendo interiorizadas, de forma complementar, pelas crianças ao longo do tempo, desempenhando as figuras de vinculação um papel crucial neste processo. Alguns estudos empíricos (Cassidy, 1988; Clark & Symons, 2000; Verschueren, Marcoen, & Schoefs, 1996) têm examinado as ligações entre desenvolvimento do *self* e segurança da vinculação durante o período pré-escolar. No entanto, poucos se têm debruçado, especificamente, sobre as associações existentes entre o auto-conceito dos sujeitos e as representações internas que estes possuem das suas experiências relacionais, como é o caso do presente estudo. Para inferir a qualidade e a segurança das representações de vinculação utilizámos uma versão adaptada da *MacArthur Story Stem Doll-play Task* (Page & Bretherton, 2001) numa amostra de 75 crianças do pré-escolar. A representação do *self* foi avaliada através da versão portu-

guesa da *Pictorial Scale of Perceived Competence and Social Acceptance for Young Children* (Harter & Pike, 1984; Mata, Monteiro, & Peixoto, 2008). Os resultados encontrados apoiam a presença de relações entre a qualidade das representações associadas à vinculação e a representação global que a criança tem do seu *self*, com uma associação positiva mais forte a ser encontrada com a percepção da Aceitação Social.

Palavras-chave: Auto-conceito, modelos internos dinâmicos, narrativas, representações do *self*, vinculação.

ABSTRACT

Attachment theory suggests that notions about the self and representations of the attachment relationships become internalized over the time within a complementary mode, with the caregivers performing a crucial role on this process. Some empirical researches (Cassidy, 1988; Clark & Symons, 2000; Verschueren, Marcoen, & Schoefs, 1996) have examined concurrent and predictive relations between self-representation and security of the attachment in early and middle childhood. However, just few studies looked at the associations between self-concept and attachment representations of pre-scholars, as this study aims to do. The quality of the attachment representations was assessed through an adapted version of the *MacArthur Story Stem Doll-play Task* (Page & Bretherton, 2001) on a sample of 75 pre-scholar children. Self representations were assessed using a Portuguese version of *The Pictorial Scale of Perceived Competence and Social Acceptance for Young Children* (Harter & Pike, 1984; Mata, Monteiro, & Peixoto, 2008). Our results support the presence of connections between the quality of the attachment representations and the global representation of the self, with a strongest positive association being found with the perceived Social Acceptance.

Key words: Self-concept, internal working models, narratives, self-representations, attachment.